

Bahia de Guanabara

A Bahia de Guanabara, nos primórdios do século XVI, assegurou a chegada dos europeus a esta região brasileira, dando início ao processo de colonização que faria surgir uma das maiores metrópoles e o segundo complexo industrial do país.

Nessa época a Bahia de Guanabara era uma região com vasta diversidade ecológica, formada por rios, pântanos e lagoas, coberta de manguezais, restingas e farta Mata Atlântica, onde se encontravam inúmeras espécies de animais. As baleias, por exemplo, vinham das regiões polares do sul para reproduzir-se em suas águas.

A partir do século XVIII o processo de ocupação sofre uma aceleração com o surgimento dos postos do Rio de Janeiro e de Niterói que passam a ser o escoadouro da produção colonial local e de Minas Gerais e São Paulo. Com o passar do tempo a degradação aumenta cada vez mais até chegarmos ao século XX em que o desenvolvimento intenso da região ^{submetido} a impactos inquestionáveis: urbanização das áreas centrais, obras de saneamento, aterros de grandes proporções – Praça Mauá até o Caju, Ilha do Fundão, Aeroporto do Galeão, Aterro do Flamengo, litoral de Niterói até São Gonçalo e etc.

A supressão de vegetação e os aterros passam a ser os grandes vilões no longo processo de assoreamento da Bahia de Guanabara levando à drástica redução da profundidade de suas águas, contribuindo, também, para a diminuição da declividade dos rios que ^{deságuam} na Bahia com o conseqüente aumento da frequência de inundações e enchentes, como as ocorridas em dezembro último no município de Caxias.

O surgimento do complexo industrial trouxe para a bacia hidrográfica da Bahia uma série de empreendimentos de grande poder poluidor, geradores de resíduos industriais e dejetos químicos constantes, junto com o aumento da concentração populacional em seu entorno. A carência na infraestrutura adequada implicou no aumento das deficiências na coleta e destino final do lixo, na coleta e tratamento de esgoto e no abastecimento de água.

No dia 1^o de Janeiro completaram-se quinhentos anos da chegada da expedição de Gonçalo Coelho à Bahia de Guanabara que junto com a Bahia de Todos os Santos, em Salvador, formaram os dois mais importantes pólos do país durante todo o período colonial, entre os séculos XVI e XIX. Atualmente, estima-se em cerca de oito milhões de pessoas a população que habita a bacia contribuinte da Bahia de Guanabara, dividida em dezesseis municípios, sendo a maioria da região metropolitana do Rio de Janeiro. Os prejuízos oriundos da poluição de suas águas vão desde a diminuição da atividade pesqueira (diminuiu 90% nos últimos anos), até a inadequação para a frequência de suas 53 praias impróprias ao banho.

Os problemas ambientais da Bahia atingem diretamente seus habitantes quanto à qualidade material de suas vidas afetando-as, ainda, no que diz respeito aos seus mundos simbólico e cultural. A indicação do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas

de 2004, por exemplo, esbarrou na falta de condições sanitárias e ambientais da Baía de Guanabara.

A expectativa popular sempre foi a de que ao fim do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara, executado pelo Governo do Estado, haveria uma baía de águas límpidas, sem esgoto, sem resíduos domésticos ou dejetos industriais, com praias próprias ao banho. É isso que o Programa sugere ao considerar-se um programa de despoluição. Trata-se a rigor, de um programa de saneamento básico e essa simples alteração de nomenclatura pode transformar as expectativas no imaginário popular, induzindo a um sentimento de decepção com os resultados realmente possíveis.

Além do esgotamento sanitário que consumira cerca de 70% dos recursos do Programa, há investimentos para abastecimento de água, coleta e destino final de lixo, macro-drenagem, mapeamento digital e programas ambientais complementares.

É pouca a informação disponível sobre o Programa e quase nenhuma a participação da sociedade em sua gestão mesmo nos municípios diretamente envolvidos.

Ao tornar-se notícia internacional em Janeiro de 2000, quando foi atingida por 1,3 milhões de litros de óleo de um vazamento ocorrido num terminal da Petrobrás, em Duque de Caxias, a Baía de Guanabara propiciou, pela primeira vez, a aplicação de forma exemplar da Lei no 9.605/98 – Lei dos Crimes Ambientais com uma multa ao infrator estipulada no máximo valor aplicável de R\$ 50 milhões. As atenções voltaram-se para a análise do acidente, o desamparo dos pescadores, a salvação de animais atingidos pelo óleo, a apuração das responsabilidades e o cálculo do dano.

A partir deste fato, o IBAMA formalizou convênios na ordem de R\$ 23 milhões, a fim de financiar soluções para o destino inadequado de lixo em 13 municípios da Baía, através do Programa de Revitalização Ambiental da Baía de Guanabara. E outras alternativas foram construídas, como o Consórcio BAIÁ AZUL, formado e coordenado pela Fundação Ondazul e outras cinco organizações não governamentais de vários municípios, criado para implementar um programa de recuperação dos manguezais, que compõe o programa do IBAMA, composto pelos recursos provenientes da multa aplicada à Petrobrás. Neste projeto, que está completando um ano de execução, já há cerca de 15 hectares de mangue em processo avançado de recuperação ambiental, além de outras ações de mobilização social e comunitária e de educação ambiental.

A grande chance que está colocada para governos e sociedade civil neste momento é a de aproveitar a oportunidade de formar-se um pólo catalizador de iniciativas comprometidas com as melhorias do ecossistema da Guanabara, que poderia estar estruturado em torno de um Consórcio Intermunicipal ou de um Comitê de Baía.

A mudança de mentalidades tem que atingir toda a sociedade, para que os recursos hídricos sejam valorizados e que as ações de cada indivíduo sejam comprometidas com a melhoria das condições de nossas águas, do nosso clima e de nossa qualidade de vida. Mas essa nova perspectiva tem que contagiar as estruturas de poder, para que realmente a responsabilidade seja repactuada de forma participativa e

inclusiva e para que a partir dessas ações, o futuro da Baía de Guanabara seja outros 500.